

A INTERSECCIONALIDADE E A MULHER NEGRA TRANSGÊNERO

DOI 10.5281/zenodo.8165053

Vanessa Ester Ferreira Nunes¹

Alexsandro do Nascimento Santos²

RESUMO

Existem indivíduos que sofrem discriminações e são submetidos ao preconceito, não tendo como motivo apenas um marcador social. Trata-se de um conjunto de situações e aspectos que originam a discriminação. Seria uma sobreposição de fatores que colocam uma pessoa em situação de vulnerabilidade. As mulheres negras transgênero são as que mais sofrem preconceito e são vítimas de violência. Este artigo propõe estudar o significado de interseccionalidade e analisar a situação de vulnerabilidade das mulheres negras transgênero. Trata-se de pesquisa qualitativa com o uso de bibliografia, artigos científicos e análise do estudo realizado pela Associação Nacional dos(as) Transexuais e Travestis quanto aos índices de violências desferidas contra a mulher negra transgênero.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Preconceito. Violência. Transexuais. Travestis.

INTERSECTIONALITY AND THE BLACK TRANSGENDER WOMAN

ABSTRACT

There are individuals who suffer discrimination and are subjected to prejudice not just having a social marker as a reason. It is a set of situations and aspects that give rise to discrimination. It would be an overlap of factors that place a person in a vulnerable situation. Black transgender women are the ones who suffer the most prejudice and are victims of violence. This article proposes to study the meaning of intersectionality and analyze the situation of vulnerability of black trans women. This is a qualitative research using bibliography, scientific articles and analysis of the study carried out by

¹ Vanessa Ester Ferreira Nunes. Doutoranda em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID (bolsista CAPES), Professora da Faculdade de Suzano - UNIESP, Centro Universitário Braz Cubas e Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade. Mestra em Políticas Públicas. Especialista em Direito da Diversidade e Inclusão, Direito Civil e Processo Civil, Direito Privado, Direito Empresarial, Advocacia Extrajudicial, Direito Público, Direito do Trabalho, Direito Previdenciário e Direito Constitucional Aplicado. Licenciada em História. Advogada sócia do escritório Denis Nunes Sociedade de Advogados. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0000509408619352>; ID Lattes: 0000509408619352; E-mail: vanessa@dnsa.com.br

² Doutor em Educação e Professor do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Alexsandro do Nascimento Santos alexsandrosantos1980@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8546389998834488>

the National Association of Transsexuals and Transvestites regarding the rates of violence against black transgender women.

Keywords: Vulnerability. Preconception. Violence. transsexuals. Transvestites.

1. INTRODUÇÃO

Existem pessoas que sofrem discriminações, são submetidas ao preconceito e violência, não tendo como motivo apenas um marcador social. Trata-se de um conjunto de fatores e aspectos que originam a discriminação. Seria uma sobreposição de fatores que colocam uma pessoa em situação de vulnerabilidade.

Para analisarmos esse tipo de situação podemos usar como ferramenta a interseccionalidade. Segundo Kyrillos (2020, p.1), “a interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea”.

A interseccionalidade permite que observemos a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e as condições específicas que dele recorrem (KYRILLOS, 2020).

Conforme Kyrillos (2020), o conceito foi nomeado em 1989 por foi Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense, desenvolveu algumas das mais importantes elaborações teóricas sobre esse conceito, porém popularizou-se após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância no ano de 2001, conforme (AMORIM, 2019).

Segundo Crenshaw *apud* Akotirene (2018), a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias³, “é uma sensibilidade analítica pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (AKOTIRENE 2019).

³ A autora faz uma analogia para explicar a colisão das estruturas que geram a sobreposições da opressão.

A interseccionalidade demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, “promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras.” (CRENSHAW 1991, p. 54 apud ASSIS 2019, p. 19).

A discussão da interseccionalidade surgiu no contexto em que feministas negras, desejando mudança e desapontadas com o feminismo branco (tratamento hegemônico entre as mulheres independente da raça) e o movimento negro (geralmente liderado por homens) passam a pleitear a análise da interação das estruturas de poder na sociedade e sua reprodução dentro dos movimentos sociais. (AKOTIRENE 2019, AMORIM 2019).

As mulheres negras notaram que não seria possível observar as questões de opressão entre mulheres de forma hegemônica, haja vista que havia diferentes opressões para as mulheres negras se comparadas com as brancas, também havia diferentes opressões para as mulheres negras do que para os homens negros.

Segundo Assis (2019), são inúmeras as mulheres negras que teorizaram a crítica das mulheres negras aos feminismos hegemônicos, desde mulheres como “Sojourner Truth e Ida B. Wells-Barnett² até as autoras hoje internacionalmente conhecidas, como Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks e Audre Lorde”. (ASSIS, 2019, p.16).

Patricia Hill Collins, segundo Assis (2019), pode ser considerada uma das pioneiras do conceito de interseccionalidade, sendo essa uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões não estabelecendo uma hierarquia ou somatória de opressões e o lugar de fala de cada indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências (COLLINS, 1998).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos

ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177 apud ASSIS, p. 18).

Para Audre Lorde além da discussão sobre raça, gênero, também trouxe discussões sobre a questão da sexualidade, ao mencionar a partir do lugar da mulher negra lésbica: “Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas são negros. Não há hierarquias de opressão.” (LORDE, 1984, p.7) e (ASSIS, 2019, p.18).

2. A INTERSECCIONALIDADE E A MULHER NEGRA TRANSGÊNERO.

Trazendo o conceito para o objetivo deste texto, podemos observar que os fatores que atingem a discriminação da população trans trazem diversos marcadores sociais.

A heteronormatividade compulsória traz consigo arraigados preconceitos contra a população transgênero⁴ (transexuais e travestis), haja vista não trazerem em seus corpos a aparência do seu sexo de nascimento, pois gênero é distinto de sexo.

Para Butler (2017), o gênero é aquele que foi culturalmente construído, logo não é o resultado causal do sexo biológico e gênero não é fixo quanto o sexo é (aparentemente). Dessa forma, a unidade do sujeito já é fortemente contestada pela distinção que abre lugar ao gênero como interpretação múltipla de sexo.

O gênero estabelece interseções com as modalidades sexuais, classistas, raciais, étnicas e regionais de identidades constituídas pelo discurso. Como resultado, torna-se impossível a separação de “gênero” das interseções culturais e políticas que ela é produzida e mantida sem variação. (BUTLER, 2017, p.21)

Segundo Jesus (2012, p. 8), “Transexuais sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico. Isso pode se dar de várias formas, desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos” “Cada pessoa transexual é tratada de acordo

⁴ Termo utilizado para Transexuais e Travestis.

com o seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.”

As travestis “as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.” (JESUS, 2012, p. 9).

Podemos observar a interseccionalidade de situações de opressão que os(as) transgêneros estão submetidos, fazendo uma comparação dentro do próprio movimento LGBTQIA+.

Desgraçadamente, as travestis e transexuais que vivem da prestação de serviços sexuais na pista, e que representam por volta de 90% do segmento trans, são as principais vítimas da violência na comunidade LGBT, pois concentram três estigmas: a misoginia, o preconceito contra prostitutas e a homofobia”, segundo o antropólogo Luiz Mott, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB) segundo matéria jornalística (VEIGA, 2021).

O Brasil é país que mais assassina transgêneros no mundo, as travestis e as transexuais profissionais do sexo são as que mais sofrem violência, possuem baixa escolaridade e alta vulnerabilidade, segundo a ONU (2021).

Segundo a Benevides e Nogueira (2021), na pesquisa anual de assassinatos realizada pela Associação Nacional de Transexuais e Travestis (2021) no ano de 2020 [...] tivemos pelo menos 175 assassinatos de pessoas trans, sendo todas travestis e mulheres transexuais. Não foram encontradas informações de assassinatos de homens trans ou pessoas transmasculinas em nossas pesquisas esse ano.

Transgêneros que expressavam o gênero feminino, sendo identificadas publicamente enquanto travestis ou mulheres trans apresentam maior número de assassinatos, segundo Benevides e Nogueira (2021, p. 51) “É nítido que a motivação tem relação direta com a identidade de gênero (feminino) expressa pelas vítimas.”

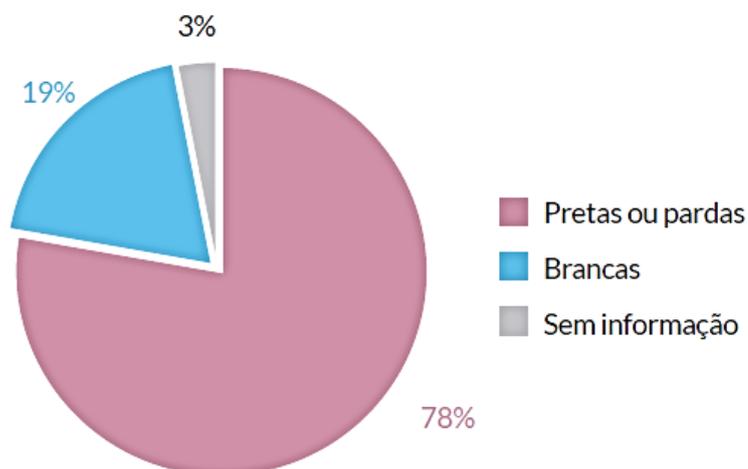
No que se refere aos homens trans segundo Benevides e Nogueira (2021 p. 50), [...]quando morrem ou enfrentam processos de violência, são identificados de

forma equivocada, ignorando sua identidade de gênero, seja por não terem retificado sua documentação ou devido ao processo de genitalização das pessoas trans[...]

No tocante a raça, também os números apresentados mostram a vulnerabilidade das mulheres trans pretas / pardas “[...]dentre os casos analisados em nossa pesquisa nos quais foi possível identificar a identidade racial da vítima, percebemos que 78% eram travestis/mulheres trans negras-pretas e pardas (de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial) [...]”

O gráfico mostra que a população trans negra/parda tem uma triste liderança, “essas mortes acontecem com maior intensidade entre travestis e mulheres transexuais, principalmente contra negras, assim como são as negras as que têm a menor escolaridade, menor acesso ao mercado formal de trabalho e a políticas públicas.” (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021, p. 50).

Gráfico: Perfil das vítimas por raça



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

A interseccionalidade de situações de opressão desferidas contra população transgênero demonstra que dentro do mesmo movimento LGBTQIA+ os(as) transgêneros estão em situação de vulnerabilidade e dentro dos próprios integrantes da letra T (transgêneros) existindo assim um grupo que detém múltiplos marcadores sociais (mulheres trans negras).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, a interseccionalidade é a soma de diversos marcadores sociais que colocam uma pessoa em situação de vulnerabilidade. A mulher trans, pobre, preta, com baixa escolaridade, exposta a violência das ruas em decorrência da prostituição, são fatores que a expõe ao acentuado risco e a vulnerabilidade social.

Concluimos que as políticas públicas se mostram urgentes e necessárias para o combate dessa situação de opressão simultânea que as mulheres trans negras estão submetidas.

O presente artigo contribuiu com a literatura sobre o tema, porém ainda caberão mais pesquisas para apuração, discussão e a busca de soluções para acolhimento das mulheres trans em situação de risco para a garantia dos direitos fundamentais e humanos.

4. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMORIM, M.S. M. A de. **Interseccionalidade, sexualidade e identidade de gênero**: um estudo exploratório sobre territórios e territorialidades da comunidade LGBTI+ em Belo Horizonte. XVI SIMPURB 14 e 17 nov. 2019.

ASSIS, D. N. C. de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BENEVIDES, B. G. NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e Subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, Brasília, n.

ISSN: 2176-5227

1, v. 31, p. 99-127, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em 29 nov. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

KYRILLOS. G. M. **Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(1): e56509 DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n156509

LORDE, Audre. **Age, race, class and sex: women rede ning di erence**. Paper del delivered the Copeland Colloquium, Amerst College, Reproduced in: Sister Outsider Crossing Press, California 1984.

ONU. **Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA**. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da> Acesso em 28 maio 2022.

VEIGA, Edison. **O que faz do Brasil líder em violência contra pessoas trans**. Disponível em < <https://www.dw.com/pt-br/o-que-faz-o-brasil-ser-l%C3%ADder-em-viol%C3%AAncia-contra-pessoas-trans/a-58122500> > Acesso em 29 nov. 2021

Artigo submetido em 17/03/2023.

Aceito em: 28/04/2022.